

INFORMAÇÕES CULTURAIS: REFLETINDO SOBRE A FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DE CINCO CURSOS UNIVERSITÁRIOS*

Antônio Wilson Pagotti **

ABSTRACT

Through the analysis of education at the third grade, is noticed that the main concern of schools and students has been the technical and technological domain. The critic and the humanistic formation, although appearing at the course objectives, haven't been realized as it should in practice. Starting from this observation, we tried to verify the cultural expression of university students from: Architecture, Journalism, Computation, Pedagogy and Social Services. Were aborded the cultural areas. The results show that, in general sense, a bad performance at the cultural expression, fact that shows the necessity of a reflexive deepen about the function of university at the cultural formation of the student and raise questions about the professional of the future.

RESUMO

Observando a educação no terceiro grau verifica-se que a preocupação central das escolas e dos estudantes tem sido o domínio técnico e tecnológico. A formação crítica e humanista, embora apareça nos objetivos do curso, não tem se realizado como práxis. Partindo destas observações procurou-se verificar a expressão cultural de estudantes

*Colaboraram neste estudo Flávia Stella Cardoso estudante do curso de Direito da UNIT e Giordano Godoy Pagotti estudante de Jornalismo na UNIT.

** Doutor em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor Aposentado da Universidade Federal de Uberlândia. Professor do Curso de Mestrado em Magistério Superior do Centro Universitário do Triângulo.

universitários de : Arquitetura, Jornalismo, Computação, Pedagogia e Serviço Social. Foram abordadas as várias áreas culturais. Os resultados mostram, em sentido geral, baixo desempenho na expressão cultural, o que aponta para a necessidade de um aprofundamento reflexivo sobre o papel da universidade na formação cultural do aluno e levantam questões sobre o profissional do futuro.

* * *

A palavra cultura possui muitos significados, o mais comum refere-se às características de um grupo ou de um povo no que trata de suas tradições, costumes, valores e crenças. Outras explicações do termo fazem referência às artes, às manifestações do intelecto, à sensibilidade humana e ao uso da tecnologia. Pode adquirir também vários sentidos de acordo com o contexto em que é apresentada. Nos primeiros estudos ressaltava-se a oposição entre cultura e civilização. Cultura referia-se ao controle do homem sobre a natureza e civilização ao controle estabelecido pelo homem sobre si mesmo. Os opositores a esta posição definiam civilização como tecnologia e cultura aos elementos de espiritualidade da sociedade, expressos na arte e na religião. Este embate ganhou novos contornos e com Weber (1967) a afirmação que "civilização é apenas um corpo de conhecimentos práticos e intelectuais, e uma coleção de meios técnicos para o controle da natureza. A cultura compreende configurações de valores, princípios normativos e ideais que historicamente são únicos". Merton (1975) avançou na construção conceitual indicando que "civilização é impessoal e objetiva, [...] como na lei científica, não importa quem a execute o resultado será o mesmo. [...] Cultura, de outra parte, é diretamente pessoal e subjetiva, nenhum conjunto de operações é claramente definido".

No campo da Sociologia fica evidente a dimensão macro do conceito cultura e tende a referir-se ao conjunto de valores, normas, leis formais ou não, que organizam e dão sentido a uma determinada sociedade. Na Antropologia a ênfase se dá no estudo das minorias, nos grupos excluídos e procura-se refletir sobre as construções culturais e as tradições. Na Psicologia os aspectos preponderantes são a subjetividade e a forma como o indivíduo em particular assimila,

mantém e transforma crenças, valores e atitudes.

O que transparece nestas concepções é a diversidade, tanto de culturas menores dentro de culturas maiores, sub-culturas e culturas dependentes, bem como culturas que exercem o sentido do poder, detendo os meios de informação e os meios de produção. Neste último ponto, as características da cultura passam a ser de uma filosofia concreta, como trata Chauí (1984).

Historicamente quando o controle cultural, exercido pela força, mostra sinais de enfraquecimento, surge o deslocamento do controle para os processos: educacional, científico e tecnológico, de sentido autoritário e doutrinador, como já explicara Machiavelli em "O Príncipe". Assim, por meios "mais suaves" se instala a cultura da dominação enfatizando o pensamento único. De outra forma, quando há pluralidade no pensar, o conhecimento intelectual se vitaliza pela educação e pela construção científica; assim, produz-se contextos culturais mais democráticos, evidenciando o relativismo e a temporalidade. Nos meios democráticos ressalta-se também que as culturas não podem ser simplesmente comparadas, pois os valores que mantêm uma cultura não são os que mantêm outra. Neste sentido, melhor e pior só existem se perguntarmos "em relação a quê"? Como apontaram Malinowski, Margareth Mead, Ruth Benedict, Lévi-Strauss, Radcliffe-Brown, Clastre, o que importa é a compreensão das culturas e a verificação das diferenças culturais. Culturas como as da sociedade de Samoa, de Trobriand ou dos índios Tupis, entre outras, não enfrentavam preconceitos. A repressão à sexualidade, os papéis sociais eram bem definidos, os rituais bem determinados, a boa condição de uns indivíduos não era fruto da miséria de outros, enfim o "bem estar" encontrava-se presente.

Apesar de tudo isso, o olhar do cidadão comum tende a ser movido pelos seus próprios valores; etnocêntrico, procura revelar no outro as características com as quais não concorda, taxando o diferente de "atrasado e de cultura primitiva" ou como ressalta Goffmann (1978) "estigmatizando o outro".

Ao abordarmos a cultura na sociedade ocidental, sem dúvida encontraremos profundas diferenças intergrupos e interpaíses, como as apontadas por Geertz (1978), mas percebe-se hoje que as culturas

regionais ou grupais tendem ao enfraquecimento, na medida em que a cultura dominante (cultura de massa) usa a mídia de forma avassaladora e procura equalizar tudo. Neste sentido, as manifestações folclóricas vão perdendo a vitalidade, os mitos perdem seus espaços e surgem novos ídolos, novas modas, novas linguagens, tudo temporalmente determinado e fugazes quanto à durabilidade. Neste sentido, como num passe de mágica a menina do interior do estado do Pará se comporta como a menina carioca que aparece na novela. Isto também ganha um nome: globalização, um fenômeno internacional, que tende a aproximar culturalmente os países e favorecer a dominação através da teconologia.

Não só o folclore caminha para o desaparecimento, mas também as manifestações que exigem maior reflexão e participação dos indivíduos. Manifestações antes muito populares, como o teatro, têm enfraquecido sua força de expressão, enfrentado uma redução de público e sobrevivido por comédias ou pela utilização de atores vindos da televisão. O número de locais para apresentação teatral tem diminuído, o mesmo ocorrendo com os cinemas que têm virado templos religiosos ou supermercados. Para sobreviver o cinema segue o modelo *holliwoodiano*, que objetiva o entretenimento e o lucro, como aponta Costa (1995).

Os movimentos reflexivos e existenciais, que antes representavam o repensar da cultura e de seus valores, envolviam os meios estudantis, sindicatos e diversas entidades representativas, têm hoje ocorrido a pequenos grupos.

Por outro lado, a velocidade das mudanças, orientadas pela mídia, provoca o efeito "moda", que não cria raízes no imaginário popular. O que é "hoje" assimilado, "amanhã" é, com muita facilidade, descartado. Esse pode ser um modelo para a "cultura de massa", mas é por demais limitado para a construção de conhecimentos que se alicerçam na história, na educação e no saber. Cony (1999), tratando da banalizada imagem do sucesso fabricado, diz: "*O neoliberalismo elevou o mercado a referencial único, a medida de todas as coisas. Uma peça, seja ela qual for, com gente que dá ibope, terá a garantia de um público que consome os ídolos que surgem meteoricamente na mídia e meteoricamente desaparecem*".

Esse é um breve e genérico quadro, porém é fundamental e urgente que se coloquem questões referentes ao processo cultural quando este volta ao meio universitário. Sabe-se que a ação cultural se completa com a ação educativa e com a contribuição científica e que a construção do conhecimento na universidade deve conjugar estas três formas. Isso permite melhor compreender o desenvolvimento cultural dentro do quadro mais amplo do desenvolvimento social e econômico. Neste sentido, em relação ao aspecto cultural, o estudante e o professor devem perguntar “o que se espera de um curso universitário?”, “na universidade está se desenvolvendo alguma forma de construção cultural que atende aos interesses e necessidades de compreensão do homem como ser social e político?”, “será que esta cultura em que se vive, principalmente a descartável, atende às necessidades da construção da cidadania, principalmente de um país como o Brasil?”.

O presente estudo procura dar os primeiros passos nesta direção; inicialmente, investigando a absorção de determinados ícones da construção cultural contemporânea e refletindo sobre os resultados. Ele parte do pressuposto que a construção do conhecimento acadêmico deve ter alicerces estruturados na diversidade e profundidade, deve estimular o pensar crítico e assim contribuir para a ampliação qualitativa dos conhecimentos. Neste sentido, tendo como base o instrumento de pesquisa, pensadores como Jean Paul Sartre e Sigmund Freud devem ser conhecidos pelos estudantes pelas suas contribuições para a compreensão da existência humana. Assim como Albert Sabin e Carlos Chagas pelas contribuições que revolucionaram a área da saúde. Da mesma maneira Guimarães Rosa e Fernando Pessoa na literatura.

Outro aspecto importante é identificar o estudante universitário como uma pessoa diferenciada dentro do quadro educacional brasileiro. Isto porque ele faz parte de uma parcela da população que tem acesso à escola em nível elevado, tem relativo poder econômico, maiores possibilidades de informar-se, um potencial intelectual que lhe permite refletir sobre as construções sociais e uma concepção mais aprofundada de cultura. Espera-se que os meios educacionais o tenham estimulado e o estimulem ao que se designou

chamar de cultura universal: aquela que, a nosso ver, deveria ter presença forte e constantemente ser veiculada no meio universitário, pois reflete as diversas tendências a se compreender a realidade sócio-política. Isto porque o estudante universitário, como "elite intelectual" na sociedade, torna-se formador de opiniões, uma vez que tende a localizar-se profissional e socialmente em posição de destaque. Portanto, em sua formação, deveria estar atento aos movimentos da sociedade, no campo literário, no cinema, nas artes plásticas, nos contextos políticos revolucionários, na música, entre tantas outras áreas. É esperado que o universitário seja um indivíduo atento à sociedade e às suas mudanças.

A formação profissional universitária relevante deve abranger duas dimensões: técnica e cultural. A primeira implica em conhecer e agir sobre o objeto, buscando a eficiência na aplicação e desenvolvendo na pessoa a competência; a segunda é refletir sobre o significado, os contextos e a relevância do objeto do conhecimento.

Com a evolução tecnológica os domínios técnicos estão em constante transformação. Assim, tende a surgir sempre um novo *software* que substitui os antigos domínios, o que exige do profissional o estar em constante atualização.

Em contrapartida, a formação cultural é vista como um dos indicadores de qualificação profissional, pelo diferencial crítico e criativo. O "profissional do futuro", conforme trabalhos recentes, tem enfatizado a dimensão cultural no processo formativo, ressaltando a flexibilidade, criatividade, inovação, estabilidade emocional, confiança, a visão de mundo centrada na cooperação, entre outros aspectos. Esta formação cultural é que favorece a mobilidade funcional e muitas vezes a visão antecipatória das transformações sócio-profissionais.

A realidade, como indica Dimenstein (1999), não está preparando "os sonhos dos jovens" e a visão de futuro de maneira crítica. Pelo menos é o que ele ressalta ao indicar os resultados da pesquisa da *CPM Market Research* que levantou junto a 2098 jovens entre 12 e 20 anos as expectativas de futuro. Diante da pergunta "quais são as duas coisas que você mais gostaria de ser", os dados foram: 27,6% querem ganhar fama e dinheiro; 27,4% querem ser jogador de futebol; 22,7% ator/atriz; 14,2% modelo internacional e

12,7% cantor. Em outro levantamento, com alunos recém-formados, saídos de algumas das melhores faculdades de São Paulo, Dimenestein (1999a) diz “é de estarrecer: apenas 17% dos recém formados acham que devem cumprir as leis”.

Em publicação recente para jovens, o Folhateen (1999), tratando do “vestibular e profissão”, investigou profissionais de centros de treinamento de grandes empresas que contratam *trainees*. O destaque em manchete foi “O mercado de trabalho valoriza mais o perfil e a formação cultural do candidato do que o nome do curso de graduação”. Entre as qualidades do candidato eram salientadas: formação cultural ampla, ser capaz de exercer múltiplos papéis, ser flexível para mudar de função e de cargo, ser hábil na busca de soluções para problemas, saber pesquisar. A afirmação de Mário Falguieres, coordenador do programa de *trainee* da BASF, é elucidativa “o sucesso depende mais das qualidades pessoais do que do tipo de curso de graduação. O peso do fator humano é maior do que o técnico”. Luiz Maurício de Oliveira, responsável pelo programa de *trainee* do Banco Bozano Simonsen, destaca “hoje, quando um garoto entra na faculdade está em situação complicada. Lá ele encontra “caixinhas” com nomes de engenharia, turismo etc. Mas, no mercado de trabalho, essas caixinhas não existem. Organizar um ciclo de cinema na faculdade, por exemplo, mostra capacidade de se organizar, negociar, lidar com pessoas”.

Frente a este fato, a pergunta que se coloca é: o aluno do ensino de terceiro grau está integrando ao seu conhecimento técnico à formação cultural de tal forma que venha aprimorar a sua qualificação profissional?

A resposta a esta questão é importante: (a) para que se tenha uma visão de possíveis lacunas na construção dos conhecimentos no meio universitário; (b) para que se apontem alternativas à solução do problema.

Sujeitos

Participaram da pesquisa 207 estudantes do Centro Universitário do Triângulo - UNIT, sendo 48 alunos do curso de Computação, 20 do segundo e 18 quarto ano; 47 alunos do curso de Pedagogia,

sendo 23 do segundo ano e 24 quarto ano do Curso de Pedagogia e 50 alunos do segundo ano do curso de Serviço Social; 27 alunos do quarto ano de Arquitetura e 35 alunos do segundo ano de Jornalismo.

Instrumentos

Foi utilizado um questionário constando de 40 nomes de pessoas contemporâneas, sendo 20 brasileiros e 20 estrangeiros, que muito contribuíram para a melhor compreensão e desenvolvimento da humanidade.

Cada nome indicado pertencia a uma das 10 categorias estabelecidas: música, teatro, cinema, outras artes (pintura, paisagismo, artes plásticas, dança ...), literatura, política institucional, movimentos revolucionários, saúde, pensadores e esportes.

O estudante recebia uma folha (modelo abaixo) onde constavam os nomes e as categorias.

Abaixo há um questionário que trata de aspectos gerais da cultura. Nele você encontra nomes de pessoas importantes e um conjunto de áreas. Sua tarefa é associar a área cultural à pessoa.

- | | | | |
|---------------------------|----------------|----------------------------|------------------|
| 01- Música | 02- Teatro | 03- Cinema | 04- Outras artes |
| 05- Saúde | 06- Literatura | 07- Política Institucional | |
| 08- Mov. Revolucionários. | 09- Pensadores | 10- Esportes | |

___ Herbert Von Karayan
___ Henry Kissinger
___ Sergio Buarque de Holanda
___ Heitor Villa Lobos
___ Sergei Ensenstein
___ Eder Jofre
___ Stanley Kubric
___ François Mitterrand
___ Jorge Luis Borges
___ Andy Warhol
___ Fernando Pessoa
___ Helio Oiticica
___ Roberto Burle Marx

___ Augusto Boal
___ Carlos Lacerda
___ Glauber Rocha
___ Bertold Brecht
___ Gilberto Freyre
___ Alexander Fleming
___ Ernesto Nazaré
___ Valter Salles Jr.
___ Rudolf Nureyev
___ Eurico Jesus Zerbini
___ Golbery Couto Silva
___ James Joyce
___ João Guimarães Rosa

___ Gerald Thomas
 ___ Martin Luther King
 ___ Sergei Bubka
 ___ Maria Ester Bueno
 ___ Ho Chi Min
 ___ Luis Carlos Prestes
 ___ Albert Sabin

___ Jean Paul Sartre
 ___ Igor Stravinski
 ___ Samuel Beckett
 ___ Carlos Lamarca
 ___ Michel Foucault
 ___ Carl Lewis
 ___ Adolfo Lutz

A aplicação foi feita em sala de aula. O aluno recebia o questionário e era orientado, inclusive através de exemplos, sobre a forma de responder.

Resultados

Abaixo, na Tabela 1, temos a distribuição dos desempenhos dos alunos dos cinco cursos nas dez categorias. Como se pode notar, em nenhuma das categorias, entre os cinco cursos, o resultado médio foi superior a 50%. O curso que obteve melhor performance foi Arquitetura com 49,4% na categoria política institucional. A média geral, somatória dos desempenhos nos cinco cursos nas mesmas categorias, ficou abaixo de 40%, sendo que na categoria política institucional houve o maior número de acertos com 39,9%. O mais baixo desempenho ocorreu na categoria teatro com 3,3% de acertos.

Tabela 1 - Distribuição de acertos percentuais nos cinco cursos e dez categorias

Área	Jornalismo	Arquitetura	Pedagogia	Computação	Serviço Social	Média
Música	10	11,1	7,1	8,2	6,7	8,6
Teatro	8,1	2,5	1,8	1,1	3	3,3
Cinema	16,7	11,7	10,3	5,3	8,7	10,5
Outras artes	22,9	44,4	19,5	21,3	26,3	26,9
Literatura	37,1	33,9	31,6	29,8	33,7	33,2
Pol. Instit.	40	49,4	38,3	32,3	39,7	39,9
Mov. Revolu	28,6	25,3	22	21,6	23	24,1
Saúde	19,5	21	13,8	17	22	18,7
Pensadores	23,8	16	28,4	4,6	33	21,2
Esportes	32,4	33,9	25,9	38,3	23	30,7
	23,9	25,2	19,1	17,9	21,9	21,7

Os dados apresentados na tabela1 mostram que o desempenho médio, na somatória das 10 categorias, para os alunos dos cinco cursos foi de 21,7% de acertos. O mais baixo desempenho foi para a turma de Computação com 17,9% e o mais alto para a turma de Arquitetura com 25,2%. A média de acertos para os alunos de Pedagogia foi de 19,1%, para o Serviço Social 21,9% e para o Jornalismo 23,9%.

A categoria com maior número de acertos no curso de Computação foi "esportes" com 38,3%. Com menor número de acertos, "teatro" com 1,1%. Para o Curso de Pedagogia, o maior número de acertos foi na categoria de política institucional com 38,3% e a menor, teatro com 1,8%. Para o Serviço Social, o maior número de acertos foi para a categoria política institucional com 39,7% e a menor, teatro com 3,0%. Para Arquitetura, o maior número de acertos ocorreu na categoria política institucional com 49,4% e o menor para teatro com 2,5%. No Jornalismo, a categoria com maior número de acertos foi política institucional com 40,0% e a menor teatro com 10,0%. Nos cinco cursos as categorias música, teatro e cinema apresentaram o menor índice de acertos. Ocorreram variações entre os cursos; os alunos da Computação (onde o predomínio é masculino) obtiveram os melhores resultados em esportes, política institucional e literatura. Já na Pedagogia e no Serviço Social os melhores resultados foram em política institucional e literatura. Alguns nomes foram identificados com maior frequência: Franz Beckembauer no esporte, Fernando Pessoa na literatura e Francois Miterrand na política institucional, Cândido Portinari em outras artes.

Discussão

A média geral de acertos, 21,7%, para os cinco cursos pode ser considerada baixa diante das expectativas da formação cultural para o universitário. Os alunos iniciantes, excetuando-se o curso de Serviço Social, apresentam praticamente o mesmo nível de desempenho que os alunos que estão concluindo os seus cursos. Este dado indica a pequena apropriação cultural no que se refere a esse domínio universitário.

Pode-se afirmar que os nomes indicados para serem identificados nas categorias propostas têm pouca ou nenhuma ligação com os conteúdos ministrados nos cursos. Mas é importante ressaltar que os nomes são de pessoas que deram profundas contribuições para a humanidade, ampliaram a compreensão da realidade nos campos onde atuaram e que, em sentido geral, poderiam ser consideradas modelos ou ícones a serem seguidos pelas novas gerações.

Refletindo sobre a relação entre os dados e os cursos podemos dizer que o curso de Computação, que obteve o mais baixo desempenho, tem uma imagem voltada para a utilização da alta tecnologia. Neste sentido, parece que as questões de ordem crítica e histórica que diferem do contexto técnico específico não despertam interesse no processo formativo, quer por orientação da própria gestão do curso, quer pela visão de mundo acadêmico expressa pelos próprios alunos. Sabemos que é o campo cultural um dos grandes fomentadores do desenvolvimento educacional e profissional que instiga a compreender a realidade de maneira abrangente e crítica.

Embora o desempenho tenha sido relativamente fraco no conjunto das áreas, é interessante notar que os melhores resultados ocorreram nas categorias: política institucional, movimentos revolucionários e esportes. Nomes que apareceram com frequência na mídia, como os de Martin Luther King e Franz Beckembauer, parece que contribuíram neste sentido. Os piores desempenhos foram para as categorias teatro, música e cinema, categorias que podem representar puro entretenimento ou diversidade de leituras do mundo. Os nomes alocados ressaltavam o aspecto intelectual, privilegiavam nestas categorias a diversidade de leituras do mundo.

O cinema, sem dúvida, tem se colocado como um veículo de entretenimento que, nos últimos anos, tem se pautado na busca pelo consumo, impondo através da produção e distribuição o padrão *holliwodiano*, que não privilegia a reflexão. Os tempos do cinema novo, da *novelle vague*, do expressionismo, do neo realismo, foram substituídos pelo cinema fácil da pipoca e coca cola. É evidente que os filmes podem revelar sínteses sobre problemas sociais, políticos, ideológicos, questões existenciais, dramas psicológicos; podem promover a reflexão sobre o humanismo, a solidariedade, o poder, e,

de alguma forma, propor um olhar crítico que ajuda na compreensão de si e da realidade, mas não é este o cinema adotado pelo universitário.

O cinema que gerava debates continua sendo produzido, mas hoje vive no circuito alternativo, realizado com baixo custo, enfrentando grandes dificuldades na distribuição e lutando para não ter prejuízo. Por outro lado, as instituições de ensino, os centros estudantis e os diretórios acadêmicos raramente mantêm cine-clubes ou desenvolvem programas de incentivo a cultura cinematográfica com apresentação de filmes.

O movimento estudantil que durante muitos anos colocou-se na vanguarda, com os famosos centros de cultura popular, está hoje desarticulado e pouco reflexivo nesta área. Nos murais das escolas os cartazes e palavras de ordem são "festas", "shows", "cursos técnicos" e "informes utilitários". O espaço estudantil que privilegiava o debate, tentando antever o futuro, tanto nos campos da cultura e da ciência, como na busca democrática, está quase extinto.

Quanto ao teatro, o problema aflora, pois os dados mostram que o desconhecimento nesta área é o maior. Os dados e a vivência por longos anos no meio universitário têm mostrado que o teatro, como uma poderosa forma de expressão, tem estado ausente nos *campi*.

O teatro, que desde os primórdios e particularmente na Grécia antiga fora uma das principais maneiras de contribuir para o entendimento da realidade, para a reflexão e a crítica do modo de vida e de ser de uma época e de um povo e que instigava a mudança e a participação, hoje está confinado a reduzido número de salas nos grandes centros urbanos.

Há poucas décadas o teatro era um dos importantes meios que os estudantes utilizavam para ironizar os professores, para criticar a estrutura do ensino, para debater problemas da família, da religião, da ciência, para questionar o sistema político e o poder. O teatro freqüentemente revelava grande capacidade de síntese e buscava o envolvimento da platéia, quer no teatro do absurdo ou no teatro do oprimido, mas privilegiando a reflexão e a busca de soluções. O teatro, muitas vezes, era o elemento integrador e crítico do movimento estudantil. Assim, produzia cultura.

A música, como o cinema e o teatro, parece no meio universitário não mais ser objeto de reflexão e crítica. Não mais incita a mudança ou mesmo a busca da compreensão estética, harmônica e melódica. Como o cinema e o teatro a expressão musical também caminhou para o consumo imediato, valorizando o corpo. Hoje não se encontram manifestações musicais típicas do meio universitário. Há inclusive uma rejeição ao que chamam de “música cabeça”, como representante do passado que centra-se no intelecto e na postura crítica, valorizando a música corpo centrada no ritmo.

O que aqui se quer destacar não é a negação do cinema *holliwoodiano*, da substituição do teatro pela novela de televisão, ou da música erudita e “cabeça” pela música rítmica e corporal, mas sim o esvanecimento de formas de expressão complexas que geram a reflexão e a crítica, que ultrapassam o aqui e agora, que poderiam e deveriam ser também objeto de compreensão e participação do estudante universitário.

Neste contexto, pergunta-se: será a compreensão cultural, através das dez categorias indicadas e particularmente pelo teatro, música e cinema, necessárias? Não será mais adequada a posição que trata estas categorias como entretenimento?

No Brasil é necessário o compromisso com a realidade social e a busca de mudanças que promovam o bem estar e melhores condições de vida. Neste sentido, cremos que tanto as instituições de ensino como as organizações estudantis devem repensar seus papéis na formação cultural dentro da formação universitária. A flexibilidade do pensamento e a capacidade de análise e crítica, incorporando os contextos sócio-econômicos, políticos e pessoais, crescem com o debate cultural. Parece ser de grande importância conhecer, por exemplo, a literatura de Gabriel Garcia Marques, de Guimarães Rosa e de Fernando Pessoa para entender melhor o ser humano. Parece fundamental conhecer, mesmo que superficialmente, o que fizeram Alexander Fleming, Jonas Salk e Adolfo Lutz, pelo bem estar da humanidade. Da mesma maneira, é de grande importância conhecer o pensamento crítico que rompe as fronteiras do institucionalizado como acontece com Jean Paul Sartre, Gilberto Freyre, Michael Foucault. Além disso, os dados do próprio mercado de trabalho, em pesquisas recentes, têm mostrado a

necessidade do profissional flexível, criativo, hábil na busca de solução de problemas, características que o indivíduo que se volta para a construção cultural tende a possuir em maior grau.

Conclui-se que o ensino e o meio universitário que deveriam ser o campo de efervescência cultural e, conseqüentemente, críticas, estão abdicando desta responsabilidade.

Os dados obtidos sugerem uma reflexão do corpo discente, docente e dos dirigentes da instituição educacional. Enfim, que universitário queremos? Que profissional queremos? Como temos fomentado o desenvolvimento cultural e profissional no meio universitário? O desenvolvimento cultural é mesmo importante para a formação do aluno?

Hoje sabemos muito bem que somente o desenvolvimento técnico não é suficiente para o bom domínio profissional. As informações, devido à velocidade nas mudanças tecnológicas, têm trocado o conhecimento específico por um novo "software". A boa capacidade de observação, análise e crítica contextualizadas é que podem dar um sentido dinâmico e significativo no terreno das interações técnicas e profissionais. Temos visto nestes últimos anos o desaparecimento e surgimento de funções profissionais; e o indivíduo preparado culturalmente pode obter melhor entendimento deste processo de mudança, adaptar-se com maior facilidade às transformações e sugerir alternativas de rumos. A construção cultural, além de melhorar a visão de mundo, contribui também para a melhor formação do profissional e da sociedade do futuro.

BIBLIOGRAFIA

CHAUI, Marilena. *Cultura e Democracia*. São Paulo: Ed. Cortez. 1984.

COSTA, Jurandir. F. *A Ética e o Espelho da Cultura*, Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1995.

CONY, Carlos. H. *A Banalizada Imagem do Sucesso Fabricado*. *Folha de São Paulo*. São Paulo. 3 setembro 1999. caderno 4 p. 11.

DIMENSTEIN, Gilberto. Você Confia mais em Horóscopo ou nos Políticos? *Folha de São Paulo*. São Paulo. 26 setembro 1999. Caderno 3 p. 8.

DIMENSTEIN, Gilberto. *Folha de São Paulo*. São Paulo. 01 outubro 1999. Caderno 3, p.8.

FOLHATEEN. Quem Passa no Programa de Trainee. *Folha de São Paulo*. São Paulo. 13 setembro 1999. Caderno 7, p 1; 6.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978.

GOFMANN, Ervin. *Estigma*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar. 1978.

LEVI-STRAUS, Claud. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1970

MERTON, R.K. *Social Theory and Social Structure*. New York: Free Press. 1975.

PAGOTTI, Antonio. W., PAGOTTI, Sueli. A. G. A Cultura Universal e o Estudante de Psicologia. *Anais da Segunda Reunião Anual da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro*, Uberlândia. 1996

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Ed. Pioneira, 1967